

Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e “Bem Viver”: diálogo, cultura e atualização de utopia

GIBRAN LUIS LACHOWSKI¹

Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat, Mato Grosso

ANA PAULA RAMOS CARNAHIBA²

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, Mato Grosso

Resumo

O objetivo deste artigo é investigar a dinâmica de aproximação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja Católica no Brasil com um tema que vem ocupando destaque no contexto de seu funcionamento: o “Bem Viver”, cosmologia dos povos originários dos Andes. As CEBs são “um modo de ser Igreja” que se vale pelo engajamento dos leigos em causas sociais e pela produção de um vasto conjunto de práticas culturais desde os anos 1960. Desenvolvemos a pesquisa por meio do acompanhamento de atividades das CEBs em níveis nacional e regional entre 2018 e 2020 a partir da etnografia multissituada. Recorremos aos levantamentos bibliográfico e documental. Por fim, observamos que o processo de aproximação das Comunidades quanto ao “Bem Viver” avizinha-se da aculturação, incorporando alguns conceitos e reforçando noções já presentes em seu modo de ser, contribuindo para atualizar o sentido utópico das CEBs expresso pela construção do “Reino de Deus já, aqui, na Terra”.

Palavras-chave: CEBs; Bem Viver; modo de vida; utopia; povos originários dos Andes.

Abstract

The objective of this article is to investigate the dynamics of approximation of the Basic Ecclesial Communities (CEBs) of the Catholic Church in Brazil with a theme that has been occupying prominence in the context of its functioning: the “Well Living”, cosmology of the people from the Andes. CEBs are “a way of being a Church” that is used for the involvement of lay people in social causes and for the production of a wide range of cultural practices since the 1960s. We developed the research by monitoring the activities of the CEBs at national and regional levels between 2018 and 2020 based on multisituated ethnography. We used bibliographic and documentary surveys. Finally, we observe that the process of bringing the Communities closer to “Well Living” is approaching acculturation, incorporating some concepts and reinforcing notions already present in its way of being, contributing to update the utopian sense of CEBs expressed by the construction of the “Kingdom of God already, here, on Earth”.

Keywords: CEBs; Well Living; lifestyle; utopia; original peoples from the Andes.

¹ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (PPGECCO) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e assessor de formação das CEBs em Mato Grosso. E-mail: prof.gibranluis@gmail.com.

² Jornalista formada pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), graduanda em Psicologia pela mesma instituição e assessora de formação das CEBs em Mato Grosso. E-mail: anacarnahiba@gmail.com.

Introdução e Metodologia

Este artigo objetiva investigar a relação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja Católica no Brasil com um tema que vem ocupando destaque gradativo no contexto de seu funcionamento, qual seja o “Bem Viver” - que corresponde à cosmologia dos povos originários dos Andes. Para estabelecer essa reflexão, recorreremos ao arcabouço dos estudos acadêmicos de tipo qualitativo, dando ênfase à pesquisa bibliográfica e à pesquisa documental, assim como à pesquisa de campo de caráter etnográfico multissituado.

O aporte bibliográfico serviu para aprofundar o conhecimento sobre as áreas afeitas à investigação, sobretudo os estudos a respeito das CEBs e sua interface com a cultura, mediante seus arcabouços conceituais, características, histórias, sujeitos e discussões atuais, colocando em curso um pressuposto da produção científica, como assinala o estudioso da Metodologia Científica, João José Saraiva da Fonseca (2002).

O uso da pesquisa documental foi orientado levando em conta um manejo de materiais que possuem caráter mais interno e não passou por tratamento analítico. Para a produção deste artigo a pesquisa documental figurou como parte do trabalho de campo. Folhetos e textos de acesso aberto foram obtidos mediante participação de reuniões e encontros.

Os dados derivados do trabalho de campo decorreram de nossa condição de pesquisadores e, também, de integrantes das CEBs, nos papéis de assessores de formação (na área de Comunicação Popular) e comunicadores. A investigação *in locu* correspondeu às seguintes atividades: o 14º Encontro Intereclesial das CEBs, em 2018, em Londrina (PR); o 1º Encontro Juventude e Bem Viver das CEBs da Arquidiocese de Cuiabá, em 2019, em Cuiabá (MT); e o processo de elaboração do 15º Intereclesial das CEBs, que será em 2023 em Rondonópolis (MT) e teve início em 2019.

A primeira delas foi de caráter nacional, a seguinte de cunho local e a terceira envolve dimensões nacional, regional (Mato Grosso) e local (sobretudo Cuiabá¹ e Rondonópolis²-MT). Esse percurso considerou atividades recentes e expressivas no contexto das CEBs, mesclando ações de caráter

eventual e cotidiano e levando em conta a proximidade geográfica, pois moramos em Cuiabá (capital do estado).

A pesquisa de campo se deu conforme propõe a socióloga e antropóloga Maria Cecília de Souza Minayo, para quem este tipo de investigação busca o significado da realidade humana vivida socialmente, auxiliada por um processo descritivo dos dados levantados e trabalho de interpretação. Trata-se de um “momento relacional e prático de fundamental importância exploratória, de confirmação ou refutação de hipóteses e construção de teorias” (MINAYO, 2002, p. 26).

O trabalho de campo se valeu em grande parte da observação participante. Por um lado, esse procedimento inseriu-se na clássica tradição antropológica, matizada pelo antropólogo Bronislaw Malinowski (1976), quanto à sistematização da ação etnográfica. Por outro lado, dialogamos com um referencial mais contemporâneo, compreendendo a observação participante incluída na pesquisa etnográfica multissituada, segundo conceito desenvolvido pelo antropólogo George Marcus (1995).

No caso das CEBs, a lida etnográfica ocorreu junto a seus membros a partir de reuniões e encontros e foi reforçada por um convívio social em torno de discussões e atividades. Nesse intuito, a entrevista formal foi substituída por conversas e complementação de informações.

O modelo etnográfico multissituado diferencia-se da etnografia tradicional, esta última se concentrando num só lugar para investigar a dinâmica de vida de um grupo, uma comunidade, classe social etc. Já a etnografia multissituada compreende o sujeito de pesquisa em seu deslocamento social e simbólico, fazendo o trabalho de campo em mais de um local. Além disso, leva em conta que o fazer etnográfico se completa no processo de escrita e produção de interpretações (MARCUS, 1995).

As conclusões deste artigo são parciais e podem ser enxergadas como uma contribuição analítica sobre o diálogo CEBs e “Bem Viver”, pois se concentram em algumas atividades e dizem respeito, sobretudo, a uma realidade local/regional.

Conceituações

Comunidades Eclesiais de Base

Em suma, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) são “um modo de ser Igreja” condizente como o que se chama de “Igreja-Povo de Deus”. Um modelo calcado na figura de um Jesus Cristo que não criou religião, mas sim um projeto de vida e que ficou ao lado das pessoas marginalizadas social e culturalmente na Palestina de sua época, no contexto da cultura judaica e sob o domínio romano, conforme o teólogo José Oscar Beozzo (2012).

Essa explicação se traduz numa prática social, cultural, religiosa e política orientada por percepções como “espiritualidade libertadora”³, “Cristo histórico” e “opção preferencial pelos pobres”. E postula por uma utopia denominada de “Reino de Deus na Terra”, que seria a construção de uma sociedade justa e solidária no curso da própria vida terrena e não somente após a morte, como versa o dogma do cristianismo.

Esse “modo de ser das CEBs” empreende relações mais horizontais e plurais entre os integrantes da Igreja, que é vista aqui enquanto uma comunidade de iguais e não uma instituição centrada na hierarquia do clero. Essa concepção atende tanto a um mandato de ordem histórica quanto transcendental. Afinal, funde a figura de Jesus Cristo como ser humano situado no tempo e no espaço do mundo concreto e, também, um ser investido de uma capacidade espiritual que ultrapassou o alcance dos seus iguais.

Tal mandato, chamado de “missão”, pode ser sintetizado pela expressão “seguimento de Jesus de Nazaré”, ou seja, um modo de vida pautado nos preceitos e práticas de Cristo e incorporado por seus discípulos logo após sua morte. As bases do que na Teologia e na História convencionou-se chamar de “cristianismo primitivo” estão na Bíblia, nos escritos de Paulo de Tarso: vida simples, comunitária e orientada pelo cultivo da espiritualidade - algo recorrente na dinâmica de funcionamento das CEBs.

Já se considerarmos as CEBs como um fenômeno contemporâneo brasileiro, sua eclosão está ancorada na referência ao contexto da luta de leigas e leigos militantes católicos, irmãs religiosas, padres e bispos contra a ditadura militar (1964-1985). Essa postura contribuiu para mudar a posição da



cúpula da Igreja diante do regime e favoreceu o processo de democratização do Brasil em meados dos anos 1980.

Entretanto, essa camada católica vinha se organizando pelo menos desde os anos 1950 por meio de uma atuação setorizada - zona rural, fábricas, escolas e universidades - e uma relação profícua com parcela da estrutura da Igreja, compondo o que o cientista social brasileiro e estudioso do marxismo, Michael Löwy (1991), chamou de “cristianismo de libertação”. No entanto, as primeiras inspirações do “modo de ser das CEBs” no Brasil existiriam desde os anos 1940: pela catequese popular (ministrada majoritariamente por lideranças leigas); e via mobilização social por causas locais e concretas. É o que aponta o professor de Teologia das Religiões, Faustino Teixeira (1988).

Há outras menções quanto à “origem” das Comunidades Eclesiais de Base, como a exposta pelo músico, escritor e assessor da Comissão Pastoral da Terra (CPT)⁴, Roberto Malvezzi. Para o autor, os pioneiros das CEBs foram padres e beatos com forte atuação no semiárido nordestino a partir do século XIX, que estimularam a construção de obras religiosas e sociais, incentivaram o empoderamento de lideranças locais, alimentaram a religiosidade popular e organizaram povoados baseados na partilha de bens e tarefas (MALVEZZI, 2012).

Numa perspectiva institucional, um dos estímulos para a conformação das CEBs foi o Concílio Vaticano II (1962-1965). Bispos de todo o mundo discutiram em Roma os rumos da Igreja em várias reuniões, buscando se descolar do conservadorismo religioso europeu estabelecido pelo Concílio Vaticano I (1869-1870) e apontar para a “descolonização”, “descentralização” e “desclericalização” do catolicismo.

Fruto do que já vinha sendo fermentado em vários lugares da Europa, como na França, Bélgica e Alemanha, mas, sobretudo, na América Latina, o Concílio Vaticano II passou por um processo de apropriação pelo clero progressista latino. Isso foi visto nas Conferências Episcopais de Medellín (Colômbia), em 1968, e na de Puebla (México), em 1979. Nelas, a maioria dos bispos consolidou a missão da Igreja como uma “opção preferencial pelos pobres”, tomando cada CEB enquanto célula inicial deste processo.



Esse avanço interno nas estruturas da Igreja repercutiu no Plano Pastoral e nas Diretrizes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) de 1965, incentivando arquidioceses, dioceses, paróquias e comunidades a fazerem o mesmo.

Portanto, esse “modo de ser das CEBs” valoriza a existência e atuação engajada do fiel na construção diária de sua comunidade de vida, religiosa, social, sendo ele visto no termo e contexto do laicato (leiga e leigo empoderado, com participação ativa, em relação simétrica ou menos assimétrica com o clero). Suas práticas socioculturais misturam elementos do catolicismo popular, catolicismo oficial e atividades próprias. Esse aspecto coloca as CEBs em íntima relação com a mescla indígena, europeia e negra da interculturalidade brasileira (crioula, sertaneja, caipira, gaúcha, cabocla).

As ações das CEBs se viabilizam no Brasil por meio de trabalhos religiosos comunitários e parcerias com diversas iniciativas de apoio a grupos minoritários: indígenas, migrantes, pessoas em situação de rua, mulheres marginalizadas, juventude de periferia, população LGBT. Há CEBs em vários outros países das Américas, segundo registro de seu Serviço de Articulação Continental⁵.

O modo de fazer das CEBs, conexo com seu modo de ser, tem um forte núcleo espiritual, que também se manifesta: nas promoções de churrascos, rifas e similares para auxiliar alguém necessitado na comunidade; nas romarias em memória de mártires; nos rituais espirituais; nas rodas de conversa; nas refeições compartilhadas; nas leituras bíblicas, cantos e danças.

“Bem Viver”

Em nível geral, o “Bem Viver” trata-se de uma cosmologia andina milenar de povos que habitaram o que hoje chamamos de Cordilheira dos Andes, cadeia montanhosa que perpassa Equador, Bolívia, Peru, Chile, Argentina, Colômbia e Venezuela. Tal utopia vem sendo difundida pelo movimento indígena desde os anos 1990 num sentido de recuperação e potencialização com vistas a refletir sobre a existência do ser humano e propor outro modelo de vida na Terra, alternativo ao capitalismo. É o que

A

0148

assinala o economista equatoriano e reconhecido estudioso do tema, Alberto Acosta (2016).

Também no sentido de um modo de vida, o “Bem Viver” concebe o termo “comunidade” como um todo: natureza-humano-divino-cósmico interdependente, complementar e relacional (ACOSTA, 2016). Assim, ganha força o argumento de que as bases do “Bem Viver” não tratam da América e nem mesmo da América Latina, mas sim de *Abya Yala* (“Terra Madura”, “Terra Viva” ou “Terra Em Florescimento” na língua do povo *Kuna*, do Panamá), um espaço geográfico, cultural e cósmico anterior à colonização europeia.

A expressão “Bem Viver” corresponde a um arcabouço conceitual de ordem comunitária e matriz indígena andina, e não comunista ou socialista de matriz ocidental, mesmo que seja evocado por iniciativas políticas, sociais, econômicas, ambientais, culturais e jurídicas progressistas e de esquerda, conforme sublinha o indígena *aymara* Fernando Huanacuni (2009), pesquisador e ativista na Bolívia.

A associação mais conhecida do “Bem Viver” é com o termo *Sumak Kawsay* (em *kíchwa*), no sentido de “Vida em Plenitude”, “Vida Bonita”, “Vida Harmoniosa”. Entretanto, o esforço de tradução-síntese do “Bem Viver” trabalha com termos correlatos de povos indígenas andinos, principalmente os *Kíchwa*⁶, *Aymara* e *Guarani* (este último situado nos Andes da Argentina e da Bolívia e transbordando para os territórios brasileiro e paraguaio)⁷.

Entre os termos mais conhecidos estão o *Allí Kawsay* (em *kíchwa*), referente a “Vida Boa” tanto no aspecto subjetivo quanto material (tranquilidade, amor, felicidade, casa, dinheiro etc). Outra expressão é o *Suma Qamaña* (em *aymara*), no sentido de “Viver Bem” (plenitude, sublime, viver, conviver, estar).

E ainda outra expressão, dentre as mais associadas ao “Bem Viver”, é o *Nhandereko* (em *guarani*), que corresponde a algo como “Nossa Forma de Vida” e aponta para uma gama de valores específicos da etnia. Esse termo também pode ser aproximado da expressão *Teko Porã* (“A Boa Maneira de Ser e Viver”), levando em conta conceitos de modo de ser e estar, sistema e costume dos *Guarani*, o que inclui a noção de cultura.



Esse processo de resgate do “Bem Viver” pelo movimento indígena andino tem sido potencializado por um amplo arco de instâncias da sociedade civil organizada. A saber: sindicatos, partidos políticos de esquerda; movimentos negro, feminista, ecológico e sem terra; formas críticas dentro de instituições religiosas, como as CEBs, e no meio jurídico, como a postulação dos Direitos da Natureza ou Direitos da Terra; entre outras.

A visibilização do “Bem Viver” fez com que seu nome e proposta básica se expandissem geograficamente, assim como sua essência utópica e prática de vida ganhasse contornos de projeto de sociedade, projeto de governo e política pública. Essa trajetória partiu dos Andes, com destaque ao Equador e à Bolívia, que inseriram princípios do “Bem Viver” em suas Constituições, em 2008 e 2009, respectivamente, sob o horizonte de Estados Plurinacionais e Direitos da *Pachamama* (Mãe Terra).

No curso das reflexões, o “Bem Viver” encontrou eco em vários países das Américas do Sul e Central, além do México na América do Norte (referência à América Latina), sobretudo em seus povos indígenas ancestrais. Alguns deles são: os *Macehuale* e os *Maia* (México e Guatemala); os *Lenka* e os *Misquito* (Honduras); os *Kuna* (Panamá); os *Nivaclé* (Paraguai); e os *Mapuche* (Chile e Argentina).

Esse processo seguiu gradativa transnacionalização, incluindo países da Europa mais ocidentalizada, símbolo do passado das colonizações e escravagismo. Sendo assim, esse ritmo interlocutório aproximou o “Bem Viver” de inúmeras práticas/filosofias de vida conexas com amplas noções de equilíbrio e sintonia, como: o “Ubuntu” africano⁸; a “Felicidade Interna Bruta” (FIB)⁹; a “Economia Solidária”¹⁰.

Crítico das discussões sobre “Bem Viver”, o pesquisador em Desenvolvimento Local e Cooperação Internacional, Javier Cuestas-Caza, afirma que tanto este termo quanto sua referência teórica não condizem com a cosmologia dos povos originários andinos. O autor equatoriano traça a discussão a partir das comunidades epistêmicas/comunidades de conhecimento onde o assunto é tratado com maior frequência, quais sejam, a “culturalista indígena”, a “pós-desenvolvimentista” e a “social-estatista”. Sob a divisão colocada, a primeira deveria ter como tradução *Sumak Kawsay* e as

A

0150

outras, *Allí Kawsay*, que expressa a busca por “melhor qualidade de vida”, embutindo aspectos sociais, materiais e éticos.

Assim, apenas a comunidade epistêmica “culturalista indígena” é conexas com a filosofia de vida andina, estando no contexto do pensamento crítico e descolonial e dos conceitos de reciprocidade e solidariedade. A “pós-desenvolvimentista” preocupa-se em dar aplicabilidade pós-moderna ao modo de vida ancestral na forma de ecofeminismo, economia comunitária ou decrescimento econômico. E a “social-estatista” orienta-se por uma matriz marxista e apega-se a conceitos como desenvolvimento humano sustentável, ecossocialismo e justiça social (CUESTAS-CAZA, 2017, p. 60).

Descrição e análise dos dados

Neste tópico desenvolvemos a descrição e análise de dados coletados e produzidos a partir do acompanhamento de três atividades das Comunidades Eclesiais de Base, conforme se verá a seguir. A título de informação, por conta da pandemia de Covid-19, a maioria das ações das CEBs desde março de 2020 foi efetuada de modo *on line* ou semipresencial, seja em nível nacional, regional ou local.

A) 14º Intereclesial das CEBs

Os Intereclesiais são encontros nacionais das Comunidades Eclesiais de Base do Brasil. Ocorrem a cada quatro anos, em média, e têm os objetivos de formação pastoral sobre um tema específico e confraternização entre os pares. Esse tipo de evento é realizado desde 1976 e reúne lideranças leigas (fiéis católicos engajados) das CEBs das regiões Norte, Nordeste, Sul, Centro-Oeste e Sudeste do país, além de irmãs religiosas, padres, bispos, indígenas, assessores e militantes de movimentos populares.

Geralmente também participam dos Intereclesiais alguns membros de outras Igrejas cristãs e de expressões religiosas de matriz africana, além de representantes de entidades parceiras de outros países.

O 14º Encontro Intereclesial das CEBs foi realizado de 23 a 28 de janeiro de 2018, na cidade paranaense de Londrina, região Sul do Brasil.

Reuniu cerca de três mil participantes em torno dos desafios do mundo urbano, a partir de 13 eixos em diferentes formatos.

Alguns desses eixos foram: Juventudes; Ecologia e Cuidado Ambiental; Cultura e Lazer; Acesso e Condições de Moradia; Violência e Segurança; Saúde e Saneamento Básico; e os Impactos na Participação da Comunidade.

O tema geral do encontro foi aprofundado a partir de vários formatos, como plenárias, orações coletivas, celebrações espirituais, missas, romaria em homenagem a mártires de causas sociais, tarde cultural (com músicas, danças e poesias). No entorno do ginásio que congregou os momentos com maior presença de público foram dispostas barracas de economia solidária para comercializar livros, DVDs, camisetas, boinas, chapéus, doces, bebidas caseiras etc. Além disso, milhares de pessoas foram hospedadas por famílias mobilizadas pela organização do encontro, efetuando-se o que nas CEBs se chama de “acolhida nas casas”, prática conexas com o “cristianismo primitivo”.

Dessa forma, a abordagem do tema se diluiu nas esferas do debate racional, da ludicidade, da experimentação e da espiritualidade. Com isso, diminuiu a importância do poder motriz da mentalidade moderna ocidental e favoreceu uma perspectiva mais vivencial, embutindo apropriação discursiva, circulação de saberes, troca de experiências, ritualização, entre outros. De igual maneira, compreendemos que essa postura experiencial foi capaz de acionar uma série de outros elementos existentes num evento deste tipo, como o reencontro de pessoas amigas, o contato com gente nova, o sentido de repetição no processo participativo, a novidade para quem foi pela primeira vez etc.

Valendo-nos de uma concepção comunicacional pré-midiática ou não-midiática, podemos dizer que a transversalidade da abordagem temática do encontro possibilitou o exercício da comunicação nos moldes da “comunicação como cultura” e “comunicação como diálogo” conforme elaboração do epistemólogo Venício Artur de Lima. O pesquisador concebe, nesses sentidos, comunicação enquanto compartilhamento de sentidos e “busca de compreensão das representações e práticas culturais” em contraposição à transmissão de informações (LIMA, 2001, 49-50).

O fluxo comunicativo que presenciamos no Intereclesial também condiz com o que o teórico James Carey (1992) denomina de “comunicação ritual”, que são ações cotidianas como conversar, trocar ideias, debater, fazer uma pergunta. Ainda que um evento com milhares de pessoas esteja fora do contexto rotineiro, as formas de existência, atuação e coexistência num ambiente como este lançam mão de várias práticas diárias.

Conforme os relatos dos grupos de discussão e a cobertura noticiosa do encontro, concentrada no site das CEBs¹¹, em geral os participantes deram ênfase a uma visão crítica ao modelo de desenvolvimento prevalente da atualidade, que prioriza a vida conturbada da cidade, o ritmo extenuante de trabalho e o individualismo. E apresentaram uma perspectiva contemplativa-analítica-propositiva pautada por uma diversidade de contribuições e ampla circulação de saberes.

Entre elas registramos algumas que mais se aproximam do arcabouço do “Bem Viver”, ainda que não tenham sido relacionadas explicitamente à cosmologia dos povos originários dos Andes: a percepção transversal do “cuidado” e as concepções de “casa comum” e “ecologia integral”¹².

Essa tríade apareceu entrelaçada nas reflexões e proposições colocadas no evento. “Casa comum” no sentido de que a Terra é a morada da humanidade e, por isto, cada pessoa deve agir de forma corresponsável para salvá-la e para salvar-se enquanto espécie, corrigindo o curso destrutivo de suas ações. “Ecologia integral” na compreensão de que o meio ambiente deve ser tomado da maneira mais ampla e correlacional possível, levando em conta as dimensões social, natural, econômica, política, espiritual, cultural etc e com vistas a uma situação de equilíbrio.

A dimensão do “cuidado” ficou patente, por exemplo, no trato respeitoso à população em situação de rua; no cultivo de uma fé solidária e não ensimesmada no templo religioso; e na cultura do diálogo inter-religioso.

Ainda, no empenho relativo à popularização de práticas ligadas à alimentação saudável e ao uso de plantas medicinais. Na reflexão de que tipo de progresso trazem a construção de usinas hidrelétricas e o incentivo estatal ao agronegócio, que destroem o modo de vida de povos indígenas, populações quilombolas e ribeirinhas.



B) 1º Encontro Juventude e Bem Viver das CEBs da Arquidiocese de Cuiabá

No Brasil, as comunidades religiosas católicas fazem parte de paróquias, que por sua vez integram dioceses e arquidioceses. A Arquidiocese de Cuiabá compreende um território geográfico e pastoral que envolve oito municípios e um distrito, conforme organização da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)/Regional Oeste II-Mato Grosso¹³.

Segundo o Calendário de Atividades de 2020 das CEBs da Arquidiocese de Cuiabá, documento de planejamento de ações, existem Comunidades Eclesiais de Base nas cidades de Cuiabá (capital do estado), Várzea Grande¹⁴, Acorizal¹⁵, Jangada¹⁶ e no Distrito de Nossa Senhora da Guia (pertencente a Cuiabá e com 3,7 mil habitantes).

Entre 17 e 19 de maio de 2019 ocorreu o 1º Encontro Juventude e Bem Viver das CEBs da Arquidiocese de Cuiabá. O evento foi realizado na Comunidade São José Operário, paróquia de mesmo nome, no bairro Dom Aquino, em Cuiabá. A atividade reuniu cerca de 50 pessoas da capital e municípios próximos (Várzea Grande e Jangada). O evento tratou explicitamente do “Bem Viver” nos moldes de um curso de formação com parte teórica, dinâmicas lúdicas, oficinas, apresentações culturais, cantos e momentos espirituais.

A atividade contribuiu para enfatizar a cosmologia dos povos originários andinos, dando seguimento a um processo de aproximação que ocorria nas CEBs há alguns anos por meio de cursos de formação em nível nacional e diálogos com o movimento indígena e movimentos populares da América Latina. O foco nos jovens teve o intuito de estimular a participação deste público junto às CEBs.

Como a temática do encontro foi explicitamente o “Bem Viver”, todo o evento foi concebido neste sentido. No acompanhamento desta atividade, notamos vários sinais de diálogo com o “Bem Viver”, seja na prática da acolhida, na realização de místicas espirituais, na explanação do conteúdo do curso de formação e na dinâmica de seu funcionamento.

A prática da acolhida, constitutiva do jeito de ser das CEBs, consistiu no cumprimento pessoal com maior ou menor nível de intensidade conforme a



proximidade entre as pessoas e se estendeu para dinâmicas coletivas de apresentação.

O folheto de cantos, elemento bastante presente nas atividades de CEBs, foi adaptado à temática do evento, com músicas tratando dos mistérios da vida, da fé e esperança, do amor incondicional, da lida no campo e da organização popular.

As místicas espirituais assemelham-se a orações, e também o são, no entanto geralmente têm uma composição mais complexa, reunindo reza, canto, dança ou gestualidade, leitura de texto bíblico ou material concernente ao momento, abertura para comentário etc. No encontro, anotamos pelo menos duas situações do tipo. Uma delas foi uma coreografia acompanhada de um canto e a outra trabalhou com as simbologias da semente e do abraço. Ambas buscaram estabelecer uma conexão entre as dimensões do humano, do divino e da natureza.

A primeira mística ocorreu na segunda noite do encontro. Os participantes deram as mãos formando uma roda e começaram a entoar um canto, ao estilo de um mantra¹⁷, que evocava a “força da paz” e celebrava a união das pessoas. Ao mesmo tempo fizeram movimentos corporais acompanhando a canção e criando conjuntamente uma coreografia: balançaram os quadris para os lados, ergueram e abaixaram os braços, giraram sobre os próprios corpos, juntaram as mãos em sinal de reverência e dirigiram-se ao centro da roda. O “ato-oração” terminou entre sorrisos, abraços e salvas de palmas.

A outra mística ocorreu no último dia do encontro, como momento final. Os participantes se juntaram em círculo para ouvir uma leitura bíblica e refletir sobre as palavras ditas. Em seguida formaram pares, dirigiram-se de mãos dadas ao centro da roda, pegaram vasos em miniatura e sementes crioulas¹⁸. Depois retornaram aos seus lugares, se presentearam e se abraçaram, efetuando assim gestos afetivos mediados pelo corpo a corpo e por um elemento da natureza.

A dinâmica do curso de formação mesclou explanação sobre a história, o conceito e a aplicação do “Bem Viver”, trabalhos em grupo, socialização de conhecimentos, além de oficinas e minicursos complementares. Foi possível



notar empenho do formador e da equipe de organização em criar mecanismos de aproximação entre o “Bem Viver” e conhecimentos de domínio geral dos participantes acerca de ecologia, ação humana destrutiva, capitalismo, vida saudável, justiça e solidariedade.

Esse processo de mediação foi corroborado por integrantes mais antigos de CEBs e estimulou o interesse dos demais. As danças e canções também favoreceram a dinâmica de apropriação do assunto. E os trabalhos em grupo, feitos para dinamizar a explanação, possibilitaram que os participantes refletissem sobre que práticas já desenvolvidas por eles tinham relação com o “Bem Viver”.

Uma dessas ações mencionadas foi a realização de festas das Sementes Crioulas, que ocorrem nos municípios de Jangada e Nossa Senhora do Livramento¹⁹. Esse tipo de atividade valoriza a solidariedade entre populações tradicionais, estimula a criação de bancos de sementes, a troca de grãos e evita a extinção de alimentos saudáveis. Outra ação destacada referiu-se ao trabalho de militantes da Pastoral do Migrante, que acolhem e auxiliam estrangeiros em Cuiabá, como haitianos e venezuelanos, dando-lhes um tratamento contrário à condição de “descartáveis do sistema”.

Sendo assim, podemos dizer que a realização deste encontro, além da contextualização lúdica e espiritual, buscou uma aproximação pragmática entre CEBs e “Bem Viver”, na medida em que inseriu o modo de vida ancestral andino na dimensão do possível e, inclusive, do já realizável.

Nesse sentido, o evento abriu espaço para o que pontua o teólogo espanhol José Maria Vigil, de que *Sumak Kawsay*, enquanto utopia indígena, dialoga com o “Reino de Deus aqui na Terra”. Assim, tende a compor uma grande utopia que busca superar o antropocentrismo do cristianismo e atuar em consonância com uma visão ecológica integral (VIGIL, 2012).

C) Preparação do 15º Intereclesial das CEBs

O 15º Encontro Intereclesial das CEBs vai ocorrer entre 18 e 22 de julho de 2023, em Rondonópolis (MT), cidade localizada a cerca de 200 km de Cuiabá, com o tema “CEBs: Igreja em saída na busca da vida plena para todos e todas” e o lema “Vejam! Eu vou criar novo céu e uma nova terra...” (Is 65,



17ss). Porém, o processo de preparação começou efetivamente já entre 24 e 27 janeiro de 2019, durante uma reunião ampliada nacional das Comunidades Eclesiais de Base, realizada em Cuiabá. A atividade congregou lideranças e assessores de todos os estados do país, além de alguns padres e bispos de CEBs ou próximos deste “modo de ser Igreja”.

De lá para cá foram criadas comissões para planejar o encontro e viabilizar capilaridade quanto à temática junto às comunidades religiosas de base e movimentos populares. Isso inclui a produção de subsídios sobre o assunto, estreitamento de relações entre coordenações de CEBs espalhadas pelo Brasil, organização de cursos de formação, levantamento de locais em Rondonópolis para as atividades do Intereclesial, diálogo com leigas e leigos da cidade-sede para acolhimento dos participantes, entre outros. O tema do encontro e toda a sua construção tem sido um processo de ajustamento referente a várias dimensões envolvidas, como a complexa realidade eclesial da Igreja, a realidade socioeconômica e ambiental de Mato Grosso e a constituição de um diálogo bíblico com o “Bem Viver”.

De um lado, o fato de a temática não trazer explicitamente o termo “Bem Viver”, mas sim a expressão “vida plena”, aponta para uma tentativa de demarcar o Intereclesial a partir de um parâmetro reconhecidamente religioso cristão, vez que as CEBs estão inseridas neste contexto eclesial. De outro lado, o tema do encontro traz a expressão “Igreja em saída”, que ganhou corpo no papado de Francisco como símbolo de uma atuação social e espiritual ligada, sobretudo, aos “descartados” do sistema capitalista, à organização comunitária e ao respeito à “casa comum”. Ou seja, princípios que aproximam o “modo de ser das CEBs” do arcabouço do “Bem Viver”.

A realidade socioeconômica e ambiental de Mato Grosso possui gritantes contradições. Isso inclui uma vasta biodiversidade (Cerrado, Amazônia e Pantanal) e uma forte presença cultural de mais de 40 etnias indígenas²⁰, além de vários povos/grupos tradicionais, como quilombolas, ribeirinhos, ciganos, seringueiros e agricultores familiares. Essa realidade também contém um modelo de desenvolvimento representado pelo agronegócio de exportação, extrativista, monocultor, que utiliza agrotóxicos



ocasionando envenenamento de leitões de rios, culturas orgânicas e pessoas, além de trabalho análogo ao escravo.

Essa complexa situação regional soma-se à imensa diversidade das realidades dos outros estados do país, no entanto carrega semelhanças decorrentes da noção de progresso associada à concentração de terras e renda, consumismo, precarização do trabalho e ofensa aos direitos humanos e da natureza. Observamos, também, que além do debate macrorreferencial feito em nível de organização do Intereclesial, existe um processo de apropriação sobre o “Bem Viver” que ocorre de forma mais vivencial e/ou espontânea.

É possível mencionar várias atividades que demonstram a aproximação das CEBs com a cosmologia de matriz cultural andina, e o fazemos concentrando-nos no trabalho das Comunidades Eclesiais de Base da Arquidiocese de Cuiabá e da Diocese de Rondonópolis-Guiratinga²¹, as quais temos nos dedicado a acompanhar. Entre elas estão reuniões, práticas ecológicas cotidianas, ações coletivas de caráter socioambiental, evocações espirituais, romarias, encontros formativos, passeios meditativos e conexão com a ludicidade e a produção artística. A título de exemplo citamos algumas delas.

A atuação das CEBs de Rondonópolis tem inserido a perspectiva do “Bem Viver” na construção de atividades de cunho sociocultural e ambiental. Foi o que se viu na Romaria Franciscana em Defesa do Cerrado ocorrida setembro de 2019, que percorreu bairros da cidade até o entroncamento do Rio Vermelho com o Córrego Escondidinho num acampamento sem terra do Movimento 13 de Outubro, entoando cantos, orações e reflexões. No local houve uma mística espiritual composta pela plantação de mudas nativas, abraço simbólico (ao rio/córrego), falas sobre os impactos dos agrotóxicos ao ambiente e sobre os benefícios da agricultura familiar.

Já no que diz respeito às CEBs da Arquidiocese de Cuiabá, registramos a reunião ampliada de 08 de fevereiro de 2020, realizada na Comunidade Deus Pai, paróquia Divino Espírito Santo, bairro Ouro Fino, em Cuiabá. A roda de participantes se formou debaixo de uma mangueira, tendo este elemento da natureza uma forte presença no transcurso da atividade. A árvore serviu de



sombra, garantiu ambiente arejado, orientou fisicamente o posicionamento dos participantes e foi mencionada como símbolo de simbiose entre humano e Mãe Terra.

Nas reuniões ampliadas das CEBs da Arquidiocese de Cuiabá, de fevereiro e março de 2020, lideranças ressaltaram a importância de se usar copos, pratos e talheres duráveis - de plástico, vidro, metal - em vez de descartáveis durante os cafés partilhados que integram a programação destes encontros. Também reforçaram a preferência por alimentos orgânicos ou menos gordurosos e açucarados em contrapartida aos produtos de *fast food*, como, por exemplo, a troca do refrigerante por sucos naturais.

Portanto, esse processo de aproximação das CEBs quanto ao “Bem Viver”, no contexto da construção do 15º Intereclesial, ganha vinculação social e simbólica em atividades rotineiras coletivas, ainda que ocorra mais em perspectiva do que no termo explícito ou no seu sentido aplicado. Isso remete ao que Huanacuni (2009) observa sobre a cosmologia dos povos originários dos Andes, de que “Apesar da parte política ser a que mais se vê, a parte espiritual, as oferendas, as cerimônias, é que são a base fundamental de toda a força política, social, jurídica, econômica, educativa [dela]”.

Dessa forma, o diálogo entre CEBs e “Bem Viver” tende a ser proveitoso, posto que as Comunidades Eclesiais de Base têm “no espiritual” não uma dimensão de sua atuação, mas algo intrínseco à sua existência, desde as ações de contorno mais pragmático até as tidas notoriamente por espirituais.

Considerações

Buscamos realizar uma reflexão científica pautada não na aplicação do ideário do “Bem Viver” à história e arcabouço de práticas das CEBs, mas sim na análise do caminho de aproximação entre eles, um caminho que se avizinha da aculturação. A revisão bibliográfica foi importante para trazer a profundidade da cosmologia dos povos originários dos Andes e exercitar um processo de abstração quanto à conceituação do ser/fazer das CEBs.

Essa dinâmica de reflexão teórica permitiu tomar o “Bem Viver” não só no seu estado filosófico ou esfera utópica, associado ao *Sumak Kawsay*,

todavia no seu patamar mais aplicado, conforme política pública, projeto de sociedade, contraposição e alternativa ao capitalismo, afirmação do comunitarismo, distanciamento do comunismo ou socialismo de moldes ocidentais.

O trabalho de campo orientado pela perspectiva etnográfica multissituada nos possibilitou condições de mostrar a circulação de múltiplos sentidos do “Bem Viver” no contexto de funcionamento das CEBs. Também apontou para diferentes formas de operar com a amplitude conceitual envolvida: pelo âmbito nacional, regional ou local; pela instância panorâmica das equipes de organização ou mergulhada na condição de participante; pelo elenco genérico de práticas socioculturais ou pelo detalhamento de determinadas atividades.

Ao final deste trabalho investigativo podemos considerar que o processo de circulação do “Bem Viver” junto às CEBs, sobretudo as da Arquidiocese de Cuiabá e da Diocese de Rondonópolis-Guiratinga, está se dando no sentido de acionar conceitos apreendidos no dia a dia por seus integrantes e por meio de um processo de formação que vem ocorrendo há décadas.

Sendo assim, são validados e partilhados entre si o respeito à natureza, a responsabilidade mútua pela vida no planeta, a valorização de princípios humanitários, entre outros. Além disso, a circulação do “Bem Viver” junto às CEBs está ocorrendo a partir de uma espécie de tradução via expressões emblemáticas para “o modo de ser das Comunidades Eclesiais de Base”, tais quais “casa comum”, “ecologia integral” e “cuidado”.

Essa dinâmica de aproximação das CEBs em relação ao “Bem Viver” também subentende situações de estranhamento ou incongruência de perspectivas. Isso ocorre, sobremaneira, quando a cosmologia dos povos originários andinos enxergam “comunidade” enquanto um composto humano-natural-cósmico-divino e não um fluxo que tem, na mulher e no homem, seus articuladores centrais e, em Deus, um poder misterioso e inalcançável. Por isso compreendemos que todo esse processo de acesso a uma novidade, emparelhamento de semelhanças, acomodação entre o novo e o que já se



tem, tratando-se das CEBs quanto ao “Bem Viver”, converge para uma atualização da utopia do “Reino de Deus já, aqui, na Terra”.

Referências

ACOSTA, A. *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016.

BEOZZO, J. O. *As CEBs e seus desafios hoje: um olhar sobre a conjuntura e a história*. In: F. Orofino, S. Coutinho, & S. Rodrigues (orgs.). *CEBs e os desafios do mundo contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2012, p. 11-30.

CAREY, J. *Communication as Culture: Essays on Media and Society*. New York: Routledge, 1992.

COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE - ARQUIDIOCESE DE CUIABÁ. *Calendário Anual CEBs Cuiabá-2020*. Cuiabá, dez/2019.

COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE - ARQUIDIOCESE DE CUIABÁ. *Folheto de cantos - Encontro Juventude e a Cultura do Bem Viver: Conhecer e Construir*. Cuiabá, maio/2019.

CUESTAS-CAZA, J. *Sumak Kawsay is not Buen Vivir*. *Alternautas*, v. 5, n. 1, p. 51-66, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/327209869_Sumak_Kawsay_is_not_Buen_Vivir>. Acesso em: 26 ago. 2017.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

HUANACUNI, F. 2009. *Nosso modelo não é comunista, mas comunitário*. Entrevista de Vinicius Mansur. *Brasil de Fato*, 13 jul. 2009. Disponível em: <<https://www.alainet.org/pt/active/31648?language=en>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

LIMA, V. A. *Mídia: teoria e política*. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

LÖWY, M. *Marxismo de Teologia da Libertação*. São Paulo: Cortez, 1991.

MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MALVEZZI, R. *As CEBs no semiárido*. In: OROFINO, Francisco; COUTINHO, Sergio; RODRIGUES, Solange (orgs.). *CEBs e os desafios do mundo contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2012, p. 147-162.

MARCUS, G. *Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography*. In: *Annual Review of Anthropology*, v. 24, p. 95-117, 1995. Disponível em: <

<https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev.an.24.100195.000523>. Acesso em: 20 jan. 2021.

MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: M. C. S. Minayo (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 9-29.

TEIXEIRA, F. **A Gênese das Cebbs no Brasil: Elementos Explicativos**. São Paulo: Paulinas, 1988.

VIGIL, J. M. **Sumak Kawsay e Reino de Deus: O que diz o “Sumak Kawsay” indígena ao “Reino de Deus” de Jesus de Nazaré?** *Livro-Agenda Latinoamericana 2012*, 2012, p. 51-66.

Notas de fim

¹ Cuiabá é uma cidade tricentenária e tem cerca de 600 mil habitantes. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/cuiaba/panorama>>. Acesso em: 24 jan. 2021.

² Rondonópolis tem cerca de 240 mil habitantes e tornou-se município em 1953. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/rondonopolis/panorama>>. Acesso em: 24 jan. 2021.

³ A “espiritualidade libertadora” cultiva uma relação com Deus que leva em conta as causas da injustiça e toma o “seguimento de Jesus de Nazaré” como meio de libertação e transformação da realidade.

⁴ A CPT é um organismo vinculado à CNBB, de caráter ecumênico, que, entre outras ações, auxilia trabalhadores rurais a organizarem a luta pela conquista e manutenção da terra.

⁵ Disponível em: <<http://cebsdobrasil.com.br/articulacao-continental-das-comunidades-ecclesiais-de-base-o-que-e/>>. Acesso em: 23 jan. 2021.

⁶ O povo *Kíchwa* tem habitantes principalmente no Peru, Bolívia, Argentina, Chile, Colômbia e Equador. O povo *Aymara*, no Peru, Bolívia, Argentina e Chile.

⁷ A grafia dos povos indígenas segue orientações da Associação Brasileira de Antropologia: não se flexiona em gênero nem em número, não se abrevia e sempre inicia com letra maiúscula.

⁸ Sistema de vida que compreende que a pessoa se realiza como tal na coexistência com outras pessoas.

⁹ Leva em conta aspectos espirituais, psicológicos, culturais e ambientais para “medir” as riquezas de um país e não apenas o Produto Interno Bruto (PIB).

¹⁰ Diferentemente da lógica exclusiva do lucro, vale-se da organização em rede, preço justo, respeito ao meio ambiente, moedas próprias etc.

¹¹ Disponível em: <<http://cebsdobrasil.com.br/>>. Acesso em: 23 jan. 2021.

¹² “Casa comum” e “ecologia integral” são termos que partem de uma visão holística da realidade, e atuam no contexto do diálogo ecologia-espiritualidade.

¹³ A CNBB é uma instância da Igreja Católica no Brasil que organiza e mobiliza ações pastorais no contexto do catolicismo. A entidade é dividida por regionais, que congregam arquidioceses e dioceses nos estados.

¹⁴ Várzea Grande tem cerca de 285 mil habitantes. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/varzea-grande/panorama>>. Acesso em: 23 jan. 2021.

¹⁵ Acorizal possui em torno de 5,3 mil habitantes. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/acorizal/panorama>>. Acesso em: 24 jan. 2021.

¹⁶ Jangada tem cerca de 8,5 mil habitantes. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/jangada/panorama>>. Acesso em 24 jan. 2021.

¹⁷ Os mantras são bastante associados à cultura oriental e comuns nas atividades das CEBs.



¹⁸ As sementes crioulas possibilitam o constante e saudável replantio, contrapondo-se às sementes-padrão do agronegócio, que são programadas geneticamente para não gerar novas plantas.

¹⁹ Nossa Senhora do Livramento tem cerca de 13 mil habitantes. Disponível: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/nossa-senhora-do-livramento/panorama>>. Acesso em: 23 jan. 2021.

²⁰ O Censo de 2010 do IBGE aponta 43 povos indígenas em Mato Grosso. Disponível: <<https://indigenas.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 24 jan. 2021.

²¹ Essa diocese envolve 13 municípios, com sede na cidade de Rondonópolis.

Recebido em 28/01/2021

Aprovado em 17/03/2021



0163